

ENTRE MEMÓRIAS E INTERPRETAÇÕES: LEMBRANÇAS DA ENCHENTE NA CIDADE DE CANOAS/RS (2024)

José Carlos da Silva Cardozo¹

Confesso, escrever sobre a enchente que atingiu grande parte do Rio Grande do Sul no ano de 2024, não é tarefa fácil, ainda mais para mim, que a vivenciei junto de minha família e amigos na cidade de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre.

Para o leitor que não está familiarizado, Canoas é a terceira cidade mais populosa do Estado e abriga cerca de 350.000 habitantes. Porém, o município não se limita a um simples espaço geográfico. Existem várias explicações sobre a origem do nome Canoas, que até 1939 era conhecido como Vila de Gravataí, e todas elas fazem referência direta às águas da região. Mas poucas são as oportunidades para quem transita pela cidade de conhecer sobre sua história.

Localização de Canoas



Mapa da localização de Canoas. Disponível em: <<https://pt.mapsofworld.com/where-is/canoas.html>>. Acesso em 02/03/2025.

¹ Professor Adjunto de Relações Internacionais e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Presidente da Associação Nacional de História – Seção Rio Grande do Sul (ANPUH-RS). Morador do município de Canoas/RS.

Pouca gente sabe, mas Canoas é repleta de arroios e abriga a Ilha das Garças, que é uma unidade de conservação ambiental. No início do século XX, algumas áreas da cidade eram usadas para cultivo de arroz (como aquelas onde hoje estão localizados os bairros da região oeste da cidade, incluindo o meu). Em 1871, teve início a construção da estrada de ferro que ligaria São Leopoldo a Porto Alegre. O primeiro trecho da ferrovia foi inaugurado em 1874, e, na área que hoje corresponde a Canoas, foi erguida uma estação. O processo de povoamento da região começou em torno dessa estação ferroviária, situada no centro da Fazenda Gravataí (hoje, bairro Estância Velha). A localidade ficou popularmente conhecida como “Capão das Canoas”, em razão de alguns trabalhadores que produziam canoas na região, inspirando a denominação da estação, do povoado e, posteriormente, do município.

Tudo isso eu aprendi quando fui aluno da rede municipal de ensino. Naquele tempo, cantávamos o hino, estudávamos sobre a cidade e éramos incentivados a fazer trabalhos sobre a história de Canoas. Não sei como as coisas estão hoje, se ainda mantêm essas atividades durante a “Semana de Canoas”. Ainda assim, tenho essas memórias.

Como o leitor já deve ter percebido, este não é um texto acadêmico, como os que estou acostumado a escrever ou que se encontraria em um periódico científico. Trata-se, na verdade, de uma oportunidade de preservar a memória, além dos indivíduos. Mais uma vez, escrever sobre algo que ainda nos incomoda não é fácil. Não é simples caminhar pelas ruas do meu bairro e observar até onde as águas subiram, ou ver a constante presença de casas “abandonadas”, onde as pessoas nunca mais retornaram. É uma realidade triste, mas que ainda faz parte do nosso cotidiano. As lembranças continuam a assombrar uma parte significativa da população, e eu sou uma delas.

Quem me conhece há mais tempo sabe que não sou uma pessoa otimista, talvez um reflexo do histórico dos meus antepassados, que viveram sob perseguições constantes, mudando-se de um lugar para o outro, de um país para outro. Ainda assim, quando comecei a acompanhar as notícias sobre o que acontecia em outras regiões do estado do Rio Grande do Sul, como os vales do Taquari e Lajeado, fiquei bastante preocupado com a situação deles e com o que poderia vir a acontecer aqui, na cidade de Canoas. Minha esposa, por outro lado, é otimista por natureza (os opostos se atraem). Para ela, minha preocupação parecia um desgaste desnecessário, afinal, “nunca aconteceu antes”, e mesmo que a água chegasse até nossa rua, seria apenas uma “lâmina d’água”. Ela não era a única a pensar assim. Muitos dos meus vizinhos compartilhavam a mesma visão.

Cheias de 1963. Vila Rio Branco.



Cheias de 1963. Vila Rio Branco. Disponível no Arquivo Público de Canoas.

A pediatra do meu filho e o oftalmologista da minha esposa e meu são casados e tinham seus consultórios no prédio ao lado do Arquivo Histórico de Canoas. Sempre que chegávamos com antecedência para as consultas, como bons curiosos, gostávamos de caminhar pelos arredores, que ficam no centro da cidade. Numa das vezes, entramos nos arquivos e encontramos algumas imagens relacionadas a outras enchentes, como a da imagem acima, referente ao bairro onde cresci, vizinho ao atual. A cidade já havia enfrentado uma grande enchente, não apenas a famosa de 1941, que afetou quase todo o estado, mas também uma, em 1963, com características semelhantes à que ocorreu em 2024: cheias nos rios dos vales e transbordamentos nos rios da região metropolitana de Porto Alegre. A história se fez, novamente, diante dos nossos olhos.

Você se lembra de quando mencionei que não sou otimista? Pois bem, quando começaram os alertas sobre a subida dos rios na região metropolitana, já entrei em estado de alerta. Na quinta-feira, dia 2 de maio de 2024, saí com meu filho de bicicleta para observar a situação no bairro vizinho, Rio Branco, onde as águas do Rio Gravataí já começavam a transbordar de seu leito. A situação exigia atenção, pois as águas já ocupavam parte das ruas, dificultando o deslocamento de pedestres, que precisavam molhar os pés. Porém, ainda era uma condição “suportável” comparada ao que estava prestes a acontecer no dia seguinte.

O volume da água aumentava e se aproximava do meu bairro, Fátima. A princípio, só causava transtornos no deslocamento a pé. Entretanto, no bairro Rio Branco, veículos de menor porte já não conseguiam trafegar com facilidade.

Ao analisarmos a topografia da região oeste da cidade, percebemos

que, embora pareça plano, o terreno não é uniforme. Existe um desnível entre as ruas e bairros dessa área, o que fazia com que algumas ruas dos bairros Rio Branco e Fátima permanecessem livres de alagamentos. Dando uma sensação de “normalidade” para alguns.

Na sexta-feira, dia 3 de maio, aproveitei o dia para levantar eletrodomésticos, sofás e subir para o andar superior tudo o que fosse possível. Minha esposa, contrariada, me ajudou na primeira parte do dia, mas, à tarde, me disse que já era demais. O clima estava tenso, mas ainda assim, com respeito mútuo. Outras famílias nos contaram que passaram pela mesma situação, com um cônjuge mais preocupado e o outro mais confiante de que a situação não seria tão grave.

Mesmo assim, chegamos a um consenso: caso a situação se agravasse, deveríamos estar preparados. Deixamos malas, documentos, animais e o carro prontos, além de termos organizado tudo para que, caso o dique que cercava nosso bairro rompesse, como aconteceu em outros locais da cidade, já tivéssemos um plano. A paz, então, voltou a reinar. Mas essa paz não durou muito.

Com base na experiência de outros bairros, sabíamos que, com o corte de energia, o risco de rompimento do dique aumentaria consideravelmente. Às 4 horas da manhã de sábado, dia 4 de maio, a luz foi cortada. Deixei a luz do banheiro ligada e, ao perceber a falta de energia, avisei à minha esposa que iria para a rua verificar a situação. Saí com minha lanterna de cabeça acesa e encontrei outros vizinhos, que estavam atentos. Alguns estavam tão assustados quanto eu, enquanto outros se mostravam mais confiantes, dizendo que “não aconteceria nada, no máximo uma lâmina d’água na rua”. Essa frase, de tão certa que parecia, ficou gravada na minha mente e não sairá tão cedo.

Meu amigo e vizinho, Ederson Madri, me convidou para darmos uma volta e verificar a situação nas ruas abaixo da nossa. Quando chegamos à quadra imediatamente abaixo da nossa rua, ele apontou com a lanterna e disse: “A água está com correnteza.” Nesse momento, começaram a chegar vários veículos do bairro Rio Branco, e pessoas nas janelas dos carros gritavam: “O dique estourou, vão embora!”

Nos olhamos e, quase sem pensar, dissemos: “Vamos para casa.” Revisitar esse momento é algo doloroso. Voltamos, e eu ajudei o Ederson a levantar os eletrodomésticos e móveis. Mal sabíamos que esse esforço seria em vão, pois as águas logo invadiriam nossas casas, alcançando a altura da barriga, e, no portão que dá acesso à rua, nos cobriria por completo. Quando voltei para casa, olhei para o carro, tudo já estava arrumado dentro dele. Minha esposa já imaginava que o pior estava por vir, pois demoramos

a voltar. Eu não percebi que havia levado tanto tempo, mas ela acompanhava pelo relógio. Ela se desculpou, pois não acreditava que a situação fosse realmente tão grave. Saímos de casa com a água já avançando sobre o capô do carro.

O Ederson ficou em casa para tentar organizar mais algumas coisas nos carros dele e da esposa, mas não houve tempo. Ele, sua esposa e filha foram resgatados de barco, pois as águas subiram com uma velocidade impressionante.

Fomos para a casa de uma família de amigos, na parte alta da cidade, no bairro São Luís, e depois seguimos para o apartamento. Estávamos preocupados com uma outra família de amigos, cujos membros estavam em situações delicadas. O marido estava cuidando do pai, em tratamento contra o câncer no Hospital São Lucas da PUCRS, enquanto a esposa e a filha estavam sozinhas em casa, no bairro Rio Branco. A casa deles foi inundada bem antes da nossa, e eles também foram resgatados de barco, após longa espera em cima da caçamba de um caminhão abarrotado de moradores do condomínio em que viviam (vale destacar que o caminhão estava estacionado na entrada do condomínio, a uma altura de 50 cm da rua). Encontramos essa família em segurança, nessa casa.

Famílias aguardando resgate.



Foto do caminhão com os moradores juntos. Acervo pessoal.

Quando fomos para o apartamento, nos acomodamos lá. Minha es-

posa ligou para a Daiane, esposa do Ederson, que é amiga dela. Daiane contou a situação e disse que estavam abrigados no Colégio La Salle, com apenas a roupa do corpo. Minha esposa conseguiu um apartamento no mesmo local em que estávamos, para que eles também ficassem lá. Não havia mais opções de aluguel ou hotéis disponíveis; a parte seca da cidade, de uma hora para outra, assim como com a velocidade das águas, estava completamente tomada de pessoas. No entanto, muitos não tiveram a mesma sorte que nós e ficaram em abrigos enquanto durou o acúmulo de água.

Estávamos bem. Tínhamos dinheiro e poderíamos comprar roupas e alimentos em breve (tínhamos o suficiente para nós e para compartilhar). Mas ainda havia muitas pessoas que precisavam de ajuda.

Alguns amigos se dispuseram em ajudar nos resgates, pois muitas pessoas ficaram presas em suas próprias casas (algumas tendo apenas o telhado da casa como ponto seco). Eu não tinha mais nada a fazer ali, minha família estava em segurança, mas outras precisavam de auxílio. Aqui é outro ponto que fico triste, pois ao tentar voltar para meu bairro através do bairro oposto ao meu (Niterói), me deparei com filas quilométricas de carros, gente caminhando só com a roupa do corpo, desalentados, chorando, tudo isso me cortou o coração, mas, mal sabia o que estava por vir.

Ajudar diretamente nos resgates é algo nobre? Talvez não tenha feito mais do que a obrigação, mas era dolorido. Estava assustado quando, ao atravessar a passarela da estação Niterói do Trensurb, vi a altura que as águas se elevaram. Muita gente chorando, crianças apavoradas. Barcos indo e vindo com gente, animais, algumas sacolas de roupas. As pessoas ficavam em suas casas e apartamentos implorando para serem resgatadas. Era dura a escolha de em qual momento poderíamos atender ao pedido. A busca era por pessoas mais idosas ou que já não tinham mais nenhum ponto seco em que se abrigar.

Não se fazia mais distinção onde era a rua ou o pátio das casas das pessoas. O barco estava arrastando o fundo em algo, no momento não entendemos o que era, tínhamos que cuidar em não estragar as hélices do motor, mas com o tempo fomos conversando entre nós e percebemos que era o teto dos carros que estávamos a bater. Mas essas batidas logo cessaram. O fundo do barco já não estava mais “tão baixo”.

Estação Niterói



Foto da passarela de acesso a Estação Niterói, ao lado do bairro Rio Branco.
Acervo pessoal.

Estávamos ali, sem saber exatamente o que fazer, apenas ajudando as pessoas a chegarem à parte seca e atravessarem a passarela. Ficamos até tarde da noite. Quando finalmente voltei para o apartamento, estava completamente encharcado e com muito frio, pois começou a chover no início da noite, e permanecemos na rua, em contato com as águas da cheia até às 23h. contei tudo o que havia visto e vivido para minha esposa; meu filho já estava dormindo. Abraçamos-nos e desabei em lágrimas.

Aqui, vocês têm apenas um vislumbre do que vivi. Texto em primeiro pessoa. Não consigo descrever tudo em detalhes. Ainda é triste. Seria melhor ter continuado como no início do texto, na parte histórica, mas essa segunda parte, sobre o vivido, isso é algo muito pessoal e que ainda dói, mas não poderia deixar de escrever sobre isso. Lembro-me de uma senhora, agradecendo emocionada, dizendo: “Vocês são heróis”. Ela subiu pela passarela, e, sinceramente, nunca esquecerei a felicidade dela ao reencontrar a família que a esperava. Mas, ao mesmo tempo, ainda ouço o soluçar deles, lamentando entre lágrimas: “Perdemos tudo”.

A população foi incrível, sempre pronta a ajudar antes mesmo dos agentes estatais chegarem. Mesmo quando os resgates diminuíram, as pessoas continuaram a se doar, ajudando nos abrigos e na arrecadação e distribuição de alimentos e roupas.

Pessoas afetadas pelas enchentes.



Disponível em UFRGS.br

Quando já não fui mais necessário com a diminuição dos resgates, decidi ajudar na igreja em que congrego. Muitas doações chegaram: roupas, alimentos, colchões e produtos de higiene. Lembro de dois caminhões que vieram da região central do Brasil, trazendo 11 toneladas de alimentos, água e roupas. Com pouco mais de 20 pessoas, descarregamos os veículos das 23h às 4h55min. Saímos exaustos e doloridos, mas era o pouco que podíamos fazer. Aquela carga foi distribuída em poucos dias, e logo outra estava a caminho. Havia muito a ser feito.

Tive a oportunidade de visitar os abrigos, uma experiência que cortou meu coração. No entanto, apesar de tudo, ao conversar com aquelas pessoas, elas estavam felizes e confiantes de que poderiam reconstruir suas vidas e recuperar o que haviam perdido.

Foram 21 dias de casas alagadas (ninguém poderia imaginar que duraria tanto tempo, quando, no máximo, esperávamos três dias). Quando as águas finalmente baixaram, começou o difícil processo de retornar aos lares e começar a limpeza. Foi outra fase dura para todos. Ver o que havíamos perdido, jogar fora praticamente tudo o que ficou submerso e seguir em frente. Não havia luz nem água disponíveis. Muitos mercados limitaram a venda de produtos, incluindo itens básicos de limpeza. Não foi fácil, mas superamos. E chegamos até aqui, ainda com dor no peito e os olhos marejados ao lembrar do que vivemos.

Neste texto, compartilhei algumas memórias, mas há muitas outras, tanto de sofrimento quanto de alegria e superação. Para aqueles que viveram as enchentes de maio de 2024, basta uma troca de olhares para que a cumplicidade e a empatia se façam presentes e as memórias sejam recordadas.

Canoas na enchente.



VÍDEO: imagens aéreas mostram Canoas inundada durante enchente no RS; mais de 180 mil pessoas foram atingidas, diz prefeitura. Disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/08/video-imagens-aereas-mostram-canoas-inundada-durante-enchente-no-rs-mais-de-180-mil-pessoas-foram-atingidas-diz-prefeitura.ghtml>. Acesso em 02/03/2024.